



**Universidade Federal Rural De Pernambuco**  
**Unidade Acadêmica De Educação A Distância E Tecnologia**  
**Curso De Licenciatura Em Letras**

**A LITERATURA DE CORDEL E A PRÁTICA DE LEITURA NO ENSINO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Autor:** José Augustinho Maciel de Santana Neto  
**CPF:** 935.584.574-04  
**Polo:** Carpina

**Orientador:** Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes

Recife,  
2018

## **A LITERATURA DE CORDEL E A PRÁTICA DE LEITURA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**José Augustinho Maciel de Santana Neto**

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
praugustinho@gmail.com

**Iêdo de Oliveira Paes**

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE  
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE  
iedopaes@yahoo.com.br

**RESUMO.** Este trabalho é um relato de experiência sobre o uso da literatura de cordel como prática sociointeracionista no ensino de Língua Portuguesa. Constitui-se um instrumento para promover a reflexão sobre a prática docente na formação de leitores críticos e autônomos, a partir da análise de atividades desenvolvidas com o uso da literatura de cordel e aplicada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). É o resultado de um estudo exploratório de abordagem qualitativa que destaca tanto o valor histórico, social e cultural da literatura de cordel quanto sua importância como instrumento pedagógico no ensino da leitura em sala de aula. A metodologia adotada tomou como ponto de partida a pesquisa bibliográfica, para proceder ao levantamento do referencial teórico que fundamentou todo trabalho. Em seguida, por meio da observação livre e da análise de conteúdo, deu-se a coleta de dados, tendo como universo da pesquisa uma turma da Fase IV da EJA, alunos da escola estadual Deputado João Teobaldo de Azevedo. As atividades com cordéis utilizadas neste estudo foram produzidas durante a regência de aulas de Língua Portuguesa, para cumprimento parcial das exigências da disciplina Estágio Curricular Supervisionado IV, do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Como resultado desta experiência, constatou-se a funcionalidade do cordel como um recurso didático capaz de despertar o senso crítico e a capacidade do aluno de observar sua realidade sociopolítica e histórica.

**Palavras-chave:** 1. Leitura; 2. Prática Sociointeracionista; 3. Literatura de Cordel

### **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Promover a reflexão sobre a prática docente é sempre um desafio de todo educador. É através da dinâmica reflexão-ação-reflexão que a prática é aperfeiçoada e novos horizontes

passam a surgir no exercício da docência. O presente relato de experiência não foge a esse desafio, pois busca descrever o resultado de atividades de leitura e interpretação de texto com o uso da literatura de cordel como prática sociointeracionista no ensino de Língua Portuguesa, visando promover uma reflexão sobre esse tema. Seu objetivo principal foi analisar o processo de construção de significados sociointeracionistas para a formação de leitores críticos e autônomos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), através da prática de leitura do gênero cordel.

Todo trabalho teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica no desejo de realizar o levantamento do referencial teórico que fundamentou as atividades realizadas. Nesse passo, buscou-se identificar as principais contribuições de teóricos como Bakhtin (1986), Vygotsky (1994; 2000) e Freire (1989) ao tema. Também foram pesquisados textos sobre o Cordel, destacando suas características, história e importância social e cultural, bem como aqueles que relacionavam a literatura de cordel ao ensino de língua portuguesa e literatura (SILVA, 2003; ALVES, 2008; TEIXEIRA, 2008; GONÇALVES, 2010). Além destes aportes, foram acrescentadas ao levantamento do referencial teórico as contribuições de Souza (2000) sobre a função social reparadora da EJA no contexto da educação brasileira, possibilitando a aquisição do código escrito como instrumento indispensável à presença significativa na convivência social contemporânea.

A escolha do tema partiu de uma percepção inicial sobre a função social da escola como ambiente favorável para a criação de espaços de formação de leitores críticos e autônomos no ensino da leitura. Considerou-se que a leitura é uma atividade necessária em qualquer disciplina escolar, mas que é nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura que ela se torna objeto de estudo, tornando-se o contexto onde o trabalho com distintos gêneros textuais se materializa ou dá forma à língua. É nesse campo de ação e interação com alunos em sala de aula que através da leitura o professor tem a oportunidade de se apropriar de textos orais e escritos para ensinar a dinâmica por trás da língua e sua função social, despertando e explorando o potencial crítico de cada um.

Um segundo aspecto considerado na escolha do tema, e não menos importante que o primeiro, foi a reflexão sobre o ensino da leitura a partir de uma concepção de língua como interação, que ressalta a necessidade de optar por gêneros textuais ou literários que melhor contribuam à relação autor-leitor-texto na produção de sentido. Nesse ponto, a literatura de cordel foi escolhida como um objeto de estudo por ser um gênero literário com forte potencial

para promover diálogo sobre questões do dia a dia dos alunos, além de representar uma importante expressão da cultura nordestina. Sabe-se que apesar de não haver nascido no Brasil, o cordel encontrou em solo brasileiro, especialmente no Nordeste, um campo fértil para se popularizar com características próprias, retratando a realidade do cotidiano, episódios históricos, temas religiosos, entre outros, através de folhetos impressos.

Por tudo que foi mencionado anteriormente, justifica-se o tema do presente relato de experiências que procura mostrar o uso do Cordel como instrumento pedagógico apropriado para direcionar a prática docente no ensino da leitura nas aulas de Língua Portuguesa. Também destaca a contribuição do gênero cordel para a formação de leitores críticos e autônomos, conectando o aluno ao seu contexto sócio-histórico-cultural e capacitando-o para adquirir uma percepção crítica de mundo. O presente estudo foi elaborado na expectativa de que seus resultados aportassem de forma significativa para responder à seguinte pergunta: de que maneira a literatura de cordel pode contribuir para a formação de leitores críticos e autônomos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando a leitura como um processo de construção de significados sociointeracionistas?

## **2. CONTEXTUALIZANDO OS PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Para que o presente estudo tivesse um respaldo científico, desenvolveu-se um plano de investigação que se concretizou através de um percurso metodológico elaborado em diferentes etapas: definição da tipologia da pesquisa, escolha dos instrumentos e das técnicas de coleta de dados, definição da amostra e cenário da pesquisa, procedimentos de análise e interpretação de dados.

### **2.1 A tipologia da pesquisa**

As conclusões extraídas deste estudo se basearam numa pesquisa do tipo exploratória de abordagem qualitativa. Segundo Triviños (1987), os estudos exploratórios são aqueles que “permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de um determinado problema” (p. 109). Pode-se afirmar, então, que a pesquisa exploratória é um estudo introdutório e mais simples, se comparado ao estudo descritivo ou experimental. Porém, este tipo de investigação também permite ao investigador se aprofundar acerca de uma realidade específica com perspectivas para outros tipos de pesquisas posteriores.

A característica qualitativa deste estudo reside na aplicação de atividades investigativas específicas e em seus traços comuns ou peculiares (TRIVIÑOS, 1987, p. 120). Neste sentido, este relato de experiência melhor se adequa à pesquisa qualitativa do tipo “Estudos de Casos Observacionais”, definida assim por Triviños:

Esta é uma categoria típica, poderíamos dizer, de coletas de pesquisa qualitativa. A técnica de coletas de informações mais importantes dela é a observação participante, que, lembramos, às vezes, aparece como sinônima de enfoque qualitativo. O foco do exame pode ser uma escola, um clube, uma Associação de Vizinhos, uma Cooperativa de Produção e Consumo, etc. Agora não é a organização como um todo que interessa, senão uma parte dela. (Idem, p. 135)

## 2.2 Instrumentos e técnicas de coleta de dados

Para se obter os resultados esperados na pesquisa, foram utilizados como técnica de coleta de dados a observação livre e a análise de conteúdo. Inicialmente é importante destacar que a observação é uma técnica de coleta de dados que visa destacar de um conjunto as características específicas de um determinado fenômeno (TRIVIÑOS, 1987). Porém, esta técnica pode ser realizada de duas formas: observação estruturada (ou padronizada) e observação livre. Na observação estruturada, o pesquisador busca destacar os possíveis traços específicos de um fenômeno estudado, visando a verificação das hipóteses. Já a observação livre se dedica ao sujeito e às suas práticas manifestas, com ausência parcial ou total de pré-categorias para se compreender um dado fenômeno (Idem, p. 154). A observação livre é também a que mais se presta aos objetivos da pesquisa qualitativa, razão pela qual foi adotada neste estudo. Assim, através da observação livre, buscou-se identificar as marcas relevantes do sujeito leitor que apontavam para o uso de estratégias de base sociointeracionista no processo de leitura e interpretação de cordéis.

A análise de conteúdo, por sua vez, consiste numa técnica de coleta de dados desenvolvida de forma sistemática e objetiva de descrição de conteúdos, visando obter indicadores que possibilitam fazer inferências sobre um determinado fenômeno investigado (Bardin, *apud* Triviños, 1987). Na presente experiência, para proceder à descrição de conteúdos e realizar a análise dos dados, foram utilizadas atividades escritas, buscando identificar aspectos que apontam para uma abordagem sociointeracionista nas respostas apresentadas.

### 2.3. Amostra e cenário da pesquisa

Foi escolhida como amostra representativa do presente estudo a turma B da Fase IV da EJA na escola estadual Deputado João Teobaldo de Azevedo. Esta escola é parte da rede pública estadual de ensino em Pernambuco e está situada na cidade de Carpina. É uma instituição educativa que oferece turmas regulares de Ensino Fundamental e Médio pela manhã e à tarde, e durante a noite funcionam as turmas da EJA (Ensino Fundamental e Médio).

A turma B da Fase IV da escola referida era composta por alunos que estavam buscando concluir o Ensino Fundamental na modalidade EJA. A maioria deles era dona de casa ou trabalhadores que depois de um dia de árdua labuta estudavam à noite para avançar nos seus estudos. Entretanto, apesar desse objetivo, as principais dificuldades de aprendizagens desses alunos estavam relacionadas à leitura e produção textual, razão pela qual a amostra investigativa escolhida resultou num ponto bastante positivo para este estudo.

### 2.4. Procedimentos de análise e interpretação de dados

A análise e interpretação dos dados seguiu as etapas de processo de uso de análise de conteúdo: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. Na primeira fase foram definidas as técnicas para analisar o tema proposto nesta experiência. Na descrição analítica, o material coletado (relatório das regências de estágio, entrevista com a professora regente de Língua Portuguesa e resposta de atividade escrita de leitura e interpretação de texto de cordel) foi analisado a partir do referencial teórico do estudo. Na etapa final, interpretação inferencial, o pesquisador mudou o foco do conteúdo manifesto dos documentos, e se concentrou no conteúdo latente para chegar às conclusões qualitativas do estudo através da reflexão e da intuição. Por questões éticas, as pessoas que fizeram parte da pesquisa durante a coleta de dados tiveram suas identificações preservadas.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### 3.1 Marco teórico da análise

A leitura é uma porta de entrada para um universo de conhecimentos variados e uma atividade fundamental ao processo ensino-aprendizagem em sala de aula. É por meio da leitura que professores de distintas disciplinas fazem veicular no dia a dia da vida escolar informações que podem contribuir à construção de saberes transformadores para o aluno e

para seu contexto de vida. Contudo, para que isso aconteça de forma satisfatória, faz-se necessário que os professores, especialmente os que ensinam Língua Portuguesa e Literatura, pois lidam de forma mais direta e funcional com a leitura, desenvolvam seu trabalho a partir do ideal de formação de leitores críticos e autônomos. Tais leitores serão capazes de interpretar e analisar as informações contidas nos textos, fazendo uma relação com sua realidade histórico-social. Esta tarefa constitui uma nova concepção sobre a leitura, capaz de redirecionar a prática docente e as prioridades da escola em função de um ideal transformador e indispensável ao aluno, que aprenderá não somente a ler as palavras, mas, especialmente, o mundo.

Freire (1989) defende que a leitura de mundo antecede a leitura das palavras. Nesse sentido, há no aporte de Freire uma relação implícita entre linguagem e realidade na formação leitora, que faz parte do processo de alfabetização crítica na perspectiva de uma educação política. Mas, como isso acontece? Ao descrever sua experiência como professor de Língua Portuguesa, Freire mostra que a leitura não deve ser uma atividade mecânica e direcionada para cumprir atividades escolares, exercícios de memorização de estruturas gramaticais, etc. mas uma atividade prazerosa e libertadora. É daí que se distingue em Freire a leitura crítica da leitura mecânica.

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala (FREIRE, 1989, p. 12).

A formação de leitor crítico e autônomo, porém, deve estar fundamentada numa concepção de leitura que reconhece o caráter social da linguagem e o valor da relação e interação entre as pessoas no processo de aprendizagem. Sendo assim, leitura, dialogicidade e contexto histórico-social estão imbricados no processo de formação de leitores críticos e autônomos, e dois teóricos aportam de forma significativa a esta relação tridimensional do processo: Mikhail Bakhtin e Lev Vygotsky.

O ato de ler o mundo antes das palavras é algo implícito ao ser humano e implica também a relação entre língua e contexto. Como filósofo da linguagem, Bakhtin (1986) trouxe uma grande contribuição a essa relação presente nos estudos linguísticos, mostrando que não é possível isolar a língua de seu contexto. É nessa conjuntura que reside a problemática da

significação. Para ele o sentido definido e único (ou significação unitária) pertence à enunciação, e seu sentido completo é chamado de tema. Então, segundo Bakhtin (1986, p. 96), o sentido completo do enunciado é o tema, que é individual, reiterável e expressão de uma situação histórica concreta. Porém, o que determina o tema do enunciado não são unicamente as construções gramaticais ou formas linguísticas do enunciado, mas também os elementos não verbais da situação.

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação (BAKHTIN, 1986, p. 97).

Na perspectiva social e dialógica da linguagem, conforme se observa na abordagem de Bakhtin, a significação não reside meramente nas palavras, mas se constrói dentro de um contexto específico (situação histórica), a partir da ação dos agentes interlocutores. Isso mostra que é através de um processo dialógico que sentido e significação se estabelecem, fato que representa um importante caminho para se trabalhar a leitura em sala de aula na formação de leitores críticos e autônomos. Se o objetivo de tal formação é levar o aluno a desenvolver uma leitura crítica do mundo, é preciso fazê-lo olhar para o texto numa direção que vai além das palavras.

Entretanto, a formação de leitores críticos e autônomos pressupõe também a mediação no processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, soma-se ao aporte de Bakhtin a abordagem sociointeracionista de Vygotsky (2000), segundo a qual o sentido e a significação são construídos na relação entre palavras, pensamento e motivação na interação entre os interlocutores do processo comunicativo.

Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano (VYGOTSKY, 2000, p. 130).

O mesmo princípio também se aplica à leitura, pois entender o que o autor escreve não implica em decodificar signos linguísticos, mas buscar entender o pensamento do autor e o que ele pretendia comunicar num contexto específico de produção textual. Nesse processo,



o significado se constrói a partir de uma ação interativa e social, dentro de uma realidade histórica concreta.

Por sua função ontológica, a escola constitui-se o ambiente propício para formação de leitores críticos e autônomos. Mas para que isso aconteça, é preciso buscar uma mudança na concepção de leitura para que possa reorientar seu trabalho.

O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares (SILVA, 2003, p.515).

Então, para que a escola assuma papel relevante nessa tarefa, é preciso desenvolver estratégias de leituras de base sociointeracionista, evitando a prática comum de consumo rápido de textos (SILVA 2003). Além do mais, é preciso enfatizar o diálogo, a discussão e a interpretação que possibilitam ao aluno não só construir o significado, mas também reconstruí-lo socialmente. Nesse processo é preciso buscar colocar diante do aluno textos que o ajudarão a refletir sobre sua realidade social, política e econômica, visando promover transformação e humanização, enquanto foge do verbalismo vazio (ALVES, 2008). O objetivo é propiciar ao aluno, através da leitura, oportunidades de reflexão, interação e confronto ideológico que promovam a cidadania.

A leitura surge na escola como uma oportunidade de colocar o aluno em confronto com o outro, propondo-lhe o desafio de enxergar a pluralidade cultural como forma de levá-lo a ser capaz de exercer a sua cidadania plenamente, sem vestígios de imposição de uma cultura sobre a outra (ALVES, 2008, p. 107).

Tudo isso implica no desenvolvimento de uma educação voltada para a realidade histórico-social do aluno. Portanto, ao trabalhar leitura em sala de aula, com vistas à formação de leitores críticos e autônomos, o professor deve buscar utilizar gêneros que despertarão o senso crítico de seus alunos. Entre estes gêneros está a Literatura de Cordel, uma importante expressão artística popular que representa de forma significativa aspectos relevantes da cultura nordestina. Segundo Gonçalves (2010, p. 111), o cordel é uma “poética capaz de expressar uma imagem e um sentimento do que significa ‘a experiência nordestina contemporânea’”, um instrumento capaz de produzir reflexão sobre a possibilidade de ser nordestino a partir da multiplicidade. Alves (2008) observa que a Literatura de Cordel apresenta uma riqueza estilística, mas também é uma ferramenta para promoção do debate

em sala de aula sobre a realidade social, política e econômica do aluno, além de colocar o professor e os alunos em sintonia com uma visão sociointeracionista de aprendizagem.

Entretanto, a tarefa de relacionar aprendizagem da leitura e contexto de vida do aluno, fazendo surgir uma perspectiva interacionista no processo ensino-aprendizagem, não se limita apenas à educação básica regular. Ela se estende também à Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, segundo Souza (2000) passou a ser também uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, e embora seja detentora de uma especificidade própria, não tem recebido o tratamento correspondente. Em sua opinião, a EJA tem uma função social reparadora não só do direito a uma escola de qualidade, mas também ao reconhecimento do que ele chama de “igualdade ontológica de todo ser humano”, negada igualmente através da privação do domínio da escrita e da leitura.

...a Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (SOUZA, 2000, p. 24).

A partir de sua percepção sobre a igualdade ontológica de todo ser humano, Souza (2000) se posiciona contra a visão preconceituosa em relação ao analfabeto ou iletrado, justificando que jovens e adultos dentro da pluralidade e diversidade regional brasileira têm desenvolvido uma rica cultura baseada na oralidade, confirmada através da literatura de cordel, teatro popular, canção regional, repentistas, entre outras manifestações artísticas e culturais (p. 24.). Por esta razão, a EJA, apropriando-se de instrumentos como esses, pode contribuir para solucionar a problemática que representa a falta de igualdade entre os que detêm o código escrito numa sociedade grafocêntrica e os que estão sendo privados disso (p. 25). Tomando como exemplo o cordel, por ser um gênero baseado na oralidade e ao mesmo tempo voltado a temas do cotidiano, ele representa uma ferramenta pedagógica capaz de conectar o aluno ao texto e ao seu contexto sócio-histórico, despertando sua reflexão crítica. Surgem, então, possibilidades múltiplas para a formação de leitores críticos e autônomos através da leitura.

### 3.2 Ações e percepções a partir da prática

Para analisar a contribuição da literatura cordel para a formação de leitores críticos e autônomos, foram realizadas atividades com alunos da turma B, Fase IV da EJA, na escola Deputado João Teobaldo de Azevedo. As atividades desenvolvidas seguiram um plano de ensino cujo objetivo era trabalhar a leitura e a interpretação de texto em sala de aula, integrando aspectos linguísticos e sociais ao estudo da linguagem. Inicialmente, os conteúdos trabalhados contemplaram outros gêneros além do cordel para facilitar ao aluno uma maior compreensão sobre a relação entre os textos e os gêneros correspondentes, explorando também a importância do enunciado e do contexto na produção de sentido. Os temas tratados foram: a comunicação oral e escrita; as diferentes linguagens e a produção de sentido; linguagem e interação social; enunciado e contexto; análise e interpretação textual; texto e gênero textual; o cordel como gênero interacionista.

A metodologia proposta no plano de ensino integrava aulas expositivas, leituras, mostra de vídeos, discussão em grupo, atividades práticas (recorte e colagem) e atividade escrita de interpretação textual de um cordel. A avaliação das atividades ocorreu de forma processual e contínua durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Foram privilegiados como instrumentos de avaliação a interação dos alunos entre si e com o professor, as contribuições através de opiniões e ideias relevantes aos diálogos propostos, a participação nas atividades práticas e a resposta ao exercício de interpretação textual.

Durante as atividades, observou-se que os alunos apresentavam visível dificuldade de leitura e escrita, fato já advertido pela professora regente da disciplina de Língua Portuguesa na escola campo da pesquisa. Por essa razão, foi necessário priorizar atividades que privilegiavam a oralidade, sempre com uma ênfase na ação dialógica. Essa dificuldade relacionada a leitura e escrita por parte dos alunos, possivelmente decorreu do perfil da turma, que era formada em sua maioria por adultos que abandonaram os estudos em anos anteriores para se dedicar ao trabalho e/ou constituir família, além de outros fatores, mas que também agora decidiram regressar à escola com o desejo de concluir sua educação básica. Utilizando a perspectiva de Souza (2000), estes alunos eram uma representação concreta daqueles que haviam sido privados da aquisição do código escrito e agora estavam sendo alvo desse reparo social através da EJA.

Para superar a dificuldade com a leitura e a escrita, bem como no desejo de lançar um fundamento mais sólido sobre a riqueza cultural e linguística do cordel, no primeiro momento buscou-se desenvolver atividades práticas com outros gêneros, ampliando a visão dos alunos sobre a funcionalidade da língua. Só então foi apresentado o cordel como um gênero literário “capaz de expressar uma imagem e um sentimento do que significa ‘a experiência nordestina contemporânea’”, como propõe Gonçalves (2010, p. 111).

Observou-se também que as atividades com cordéis resultaram numa oportunidade de maior interação com a turma. Destacou-se a reflexão sobre a violência contra a mulher no Dia Internacional da Mulher (08/03/2018), momento no qual foi realizada uma exposição de vídeos sobre o cordel, com esclarecimentos sobre a valorização deste gênero para a cultura nordestina como texto rico de base sociointeracionista. Em seguida, destacou-se a importância da comemoração do Dia Internacional da Mulher e passou-se à leitura de um cordel intitulado “A violência contra a mulher”, de Pádua de Queirós. Após a leitura, os alunos realizaram uma atividade escrita de interpretação textual para produzir um aprofundamento sobre o tema do cordel. Essa atividade era composta de uma série de perguntas que não traziam questões gramaticais, mas outras voltadas para promover uma interação do leitor/aluno com o texto, gerando reflexão crítica sobre um problema social muito comum - a violência contra a mulher.

### 3.3 Resultados

A experiência de trabalhar leitura e interpretação de texto a partir da literatura de cordel foi, sobretudo, um exercício de cidadania, pois levou os alunos a refletirem sobre um tema comum de sua realidade social, gerando identificação por parte de alguns e evitando o verbalismo vazio proporcionado pelo estudo das meras estruturas gramaticais (ALVES, 2000). Diante desse logro, pode-se afirmar que é possível o professor de Língua Portuguesa se apropriar de um gênero literário bastante rico e marcado pela oralidade como o cordel, para promover a construção de significados sociointeracionistas até mesmo entre aqueles que apresentam maior grau de dificuldade com relação a leitura e escrita, contribuindo, assim, à formação de leitores críticos e autônomos.

Pensando nas atividades realizadas com alunos da EJA, mesmo reconhecendo suas limitações com relação a leitura e escrita, ao se trabalhar uma temática extraída do cotidiano, como foi o caso do cordel “A violência contra a mulher”, foi possível desenvolver uma

perspectiva social e dialógica da linguagem. Este processo contribuiu à construção do significado não meramente a partir das palavras mas, como propõe Bakhtin (2000), na relação entre palavras, pensamento e motivação que se processam na interação entre os interlocutores do processo comunicativo.

Deve-se ressaltar que a construção textual em rimas que caracteriza o cordel, bem como a representação do texto escrito através da xilogravura, somaram-se para tornar os diálogos e a interpretação textual mais atraentes e lúdicos. Além do mais, dialogar sobre o tema do cordel antes de partir para o exercício de interpretação textual, fez jus à ordem natural de aquisição da leitura que reconhece a precedência da leitura de mundo diante da leitura das palavras (FREIRE, 1989).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação de leitores críticos e autônomos é um dos principais desafios do professor de Língua Portuguesa. Para cumprir este objetivo, ele poderá trabalhar com distintos textos de amplo uso social, visando não somente aprimorar o uso do código escrito, mas, principalmente, desenvolver no aluno uma percepção sobre o uso social da linguagem. O presente relato de experiências mostrou que isso é possível através do uso da literatura de cordel, um gênero literário que constitui um patrimônio cultural nordestino de amplo valor.

A experiência de trabalhar a leitura e interpretação de texto através do cordel na EJA resultou numa oportunidade desafiadora, pois essa é uma modalidade que sofre as consequências da privação de acesso e domínio da leitura e escrita no tempo apropriado, naqueles que buscam na escola o reparo dessa dívida social quando já estão acima da idade correspondente à série pretendida. Entretanto, mesmo diante das peculiaridades dessa modalidade, é possível se ampliar as possibilidades de ensino-aprendizagem e promover a formação de leitores críticos e autônomos a partir de atividades desenvolvidas com o uso da literatura de cordel, entre outras.

A ênfase dada ao cordel neste relato de experiência não tem a intenção de sobrepor este gênero diante de outros, mas apenas de valorizar uma expressão cultural que tem poder de conectar leitor, texto e contexto, no processo de construção de significados na interpretação textual. De igual maneira, deve-se ressaltar que a experiência aqui relatada não é, nem pretende ser, exaustiva ou conclusiva, mas uma contribuição à reflexão sobre um tema

que pode ser expandido sob outra perspectiva, seja a partir da literatura de cordel ou de outros gêneros.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Roberta Monteiro. Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula. **Revista Fórum Identidade**. Volume 4, Ano 2, p. 103-109 – jul-dez de 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. Coleção Polêmicas de Nosso Tempo; 4. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. 4. ed. Guia da escola cidadã. Vol. 5. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.
- GONÇALVES, Marcos Antonio. 'Experiência contemporânea através do cordel'. In TROTA, Felipe da Costa; BEZERRA, Arthur Coelho; GONÇALVES, Marcos Antonio. **Operação Forrocks**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 111-151.
- SARMENTO, Leila Lauer. **Português: leitura, produção, gramática**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527, 2003.
- SOUZA, João Francisco de (org.). **A educação de jovens e adultos no Brasil e no mundo**. Recife: NUPE, 2000.
- TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. 2008. 44 f. Monografia (Graduação) – Centro Universitário de Brasília. Brasília-DF.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.